

A PAISAGEM DA CIDADE PEQUENA

variabilidade visual experienciada pelo caminhar

Auriele Fogaça Cuti¹
Natalia Naoumova²

Resumo

As cidades pequenas configuram-se como ambientes urbanos que possibilitam o caminhar como meio de locomoção. A partir disso, utilizou-se desse recurso para viabilizar a análise sequencial em três cidades do interior do Rio Grande do Sul, com o intuito de caracterizá-las, destacando elementos marcantes, e identificar aspectos na paisagem importantes para os usuários e que contribuem para a variabilidade visual. Os elementos da paisagem natural e as edificações se mostraram como principais responsáveis pela variabilidade visual nesses ambientes. Essa variabilidade foi identificada como positiva e enriquecedora na experiência de vivenciar a cidade, tanto como moradia quanto como opção de turismo para visitantes de cidades próximas. Palavras-chave: cidade pequena, paisagem, variabilidade visual, caminhar, análise sequencial.

THE LANDSCAPE OF SMALL CITY

visual variability experienced by walking

Abstract

Small cities are configured as urban environments that allow walking as a mean of locomotion. From this, we used this feature to realize a sequential analysis in three cities in the interior of Rio Grande do Sul, in order to characterize the cities, highlight landmarks, and identify aspects of the landscape that are important to users and contribute to visual variability. Natural landscape elements and buildings were mainly responsible for the visual variability in these environments. This variability was identified as rich and positive in the experience of experiencing the city, both as housing and as a tourism option for visitors from nearby cities.

Keywords: small city, landscape, visual variability, walking, sequential analysis.

¹ Arquiteta e Urbanista (UFSM/2014). Mestra em Arquitetura e Urbanismo pelo Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal de Pelotas (2019). Atualmente exerce o cargo de Arquiteta e Urbanista no Departamento de Engenharia da Prefeitura Municipal de Restinga Sêca (RS). E-mail: aurielefc@gmail.com.

² Professora associada da Universidade Federal de Pelotas (UFPEL). Doutora em Planejamento Urbano e Regional pela UFRGS, Brasil (2009); mestra em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade Técnica do Extremo Oriente, Rússia (1984); graduada em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade Técnica do Extremo Oriente, Rússia (1982). E-mail: naoumova@gmail.com.

Introdução

As cidades pequenas, com as particularidades de um espaço urbano menor em superfície, permitem às pessoas o caminhar como principal meio de locomover-se. A proposição temática *caminhografar*, entendida como o ato de caminhar, observar e registrar, ajusta-se à urbanidade presente nas cidades pequenas e suas possibilidades, de deslocamento, de percepção e de vivências. O caminhar mostra-se adequado também para ser utilizado como recurso para uma técnica – a análise sequencial das visuais – que pode auxiliar no reconhecimento e caracterização das cidades.

Há uma necessidade de potencializar a imagem das cidades pequenas a partir da viabilização dos registros de elementos legíveis e da variabilidade visual desses ambientes. Acredita-se que através do trabalho com a apreensão de lugares é possível criar bases para um planejamento urbano adequado que auxilie no fortalecimento da identidade do lugar e impulse o lazer e o turismo. Por adequado, entende-se aquele planejamento urbano sensível às características e particularidades de cada ambiente urbano e que contribui para a formação da imagem avaliativa por moradores e visitantes.

A importância do estudo da imagem avaliativa da cidade já foi ratificada por diversos autores como LANG (1987), LYNCH (1988), NASAR (1988) e STAMPS (1989). Os autores HERZOG e LEVERICH (2003) afirmam que esses estudos se mostram importantes no que se refere a aspectos de preservação e proteção da paisagem. No entanto, existe uma carência de estudos sobre cidades pequenas com enfoque na imagem avaliativa. Essas cidades geralmente são investigadas com outras abordagens, como o declínio demográfico ou a espacialização funcional (exemplo: ENDLICH, 2006; LOPES, 2009; FRESCA e VEIGA, 2011). Por outro lado, estudos sobre a imagem avaliativa geralmente são direcionados para cidades grandes ou centros urbanos consolidados (exemplo: CASTELLO, 2007; FARIA, 2010).

Este artigo trata da experiência do caminhar e dos registros obtidos em três cidades pequenas do interior do Rio Grande do Sul como meio de estudar a imagem avaliativa da cidade. Utiliza-se da análise sequencial como técnica de registro, complementada por observações da pesquisadora. Entende-se, a partir disso, que o caminhar é o único meio que torna a análise sequencial uma experiência válida, porque o passo uniforme do observador permite revelar uma sucessão de vistas, sem perder detalhes graças a baixa velocidade que o caminhante desenvolve. DELIGNY (2015) auxilia a embasar essa ideia, quando, a partir de seus escritos, nos direciona a enxergar a cidade como uma rede de trajetos, muitas vezes traçados inconscientemente, mas que tem no observador alguém capaz de perceber esses trajetos consolidados.

Assim, o estudo busca caracterizar as cidades a partir dos trajetos observados e da caminhada, destacando elementos marcantes e identificando aspectos na paisagem importantes para os usuários e que contribuem para a variabilidade visual.

Cidade pequena, variabilidade visual e caminhar: delineando entendimentos

É necessário discorrer sobre o entendimento do termo *cidade pequena* que se utiliza na pesquisa. Habitualmente dimensiona-se uma cidade de acordo com seu número de habitantes. Para o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2001), são consideradas cidades pequenas aquelas que possuem até 20 mil habitantes. Porém, este não deve ser o único fator a ser utilizado na classificação de cidades

pequenas, médias e grandes (MAIA, 2005). Isso porque uma cidade é composta por um conjunto de elementos característicos que formam sua identidade, seu perfil político, cultural e econômico, muito além do número de habitantes.

MAIA (2005) amplia este entendimento, partindo do contingente populacional até considerações das discrepâncias entre diferentes cidades, as oportunidades que oferecem e os recursos, que independem do número de habitantes. Para Santos (1979), o fenômeno urbano é, principalmente, qualitativo, e as cidades pequenas são aglomerados urbanos de pequenas dimensões que servem minimamente às necessidades vitais dos moradores.

Segundo Alexander (2013), as cidades pequenas, com população entre 500 e 10 mil habitantes apresentam características próprias como serem rodeadas pelo campo e próximas às cidades vizinhas. Existem qualidades relacionadas com a dimensão das cidades, como poder ir a pé para o trabalho, poder almoçar em casa no intervalo, proteção de ruídos intensos de indústrias ou tráfego pesado, edificações de pouca altura, entre outros. Essas características podem se refletir no comportamento das pessoas. O caminhar impulsionado pelas pequenas distâncias possibilita ver as qualidades óbvias da ambiente, ideia explanada por Cullen (1993), que destaca a *arte da paisagem construída* a ser observada e que muitas vezes é desconsiderada pela falta de apreciação no percurso.

Compondo a *arte da paisagem construída*, a variabilidade visual é uma qualidade resultante das características físicas do ambiente. A variabilidade visual é entendida nesse estudo como a maneira como uma cena se diferencia de outra, em maior ou menor intensidade. A partir de Kohlsdorf (1996) e Cullen (1993), pode-se dizer que as porções passíveis de serem contempladas pela visão, observadas a partir do caminhante, vão se revelando diferentes pela influência do relevo, arborização, elementos construídos ou interferência humana.

A variabilidade visual na paisagem é estudada por ser considerada, nesta investigação, como um aspecto que pode provocar sensações – como surpresa ou mistério – e também servir como um convite aos moradores e visitantes da cidade pequena para explorar o ambiente.

Kohlsdorf (1996) explica que as sensações se mostram como o primeiro contato da pessoa com o lugar, sendo necessárias certas condições tanto do observador – como a capacidade de ver ou sentir –, quanto do ambiente – como as características físicas. Conforme as condições da pessoa e da oferta de estímulos do ambiente, ou seja, da variabilidade visual, tem-se a apreensão do lugar. Essa oferta faz com que o ambiente seja interessante e o contrário torna-o monótono, pouco convidativo.

A apreensão do lugar, considerando o observador como o caminhante, vai ser feita a partir do que está ao nível dos olhos. Algumas características passíveis de serem percebidas nesse nível, como a variação de edificações, a presença de vento, sol, sombra, a manutenção do ambiente, presença de árvores e até possibilidades de sentar, podem tornar o caminhar mais prazeroso – o caminhar, entendido como o ato de atravessar um espaço, percorrer um ambiente ou uma paisagem (CARERI, 2013; KARSSENBERG e LAVEN, 2015).

O caminhar pode se apresentar como forma da pessoa *recriar seu mundo*, rever o mesmo ambiente diariamente, possibilitando reinventar, renovar a consciência dele. Ao passo que o caminhante reinventa sua ideia do ambiente, ele também produz lugares, ou seja, a sua presença é capaz de transformar a paisagem (CARERI, 2013; PAESE, 2015).

Análise Sequencial na cidade pequena: abordagem teórica

A literatura da área da Percepção Ambiental evidencia que o comportamento das pessoas tem relação com o caráter físico do ambiente e da paisagem e com a apreciação das suas características. Neste contexto, a paisagem configura-se como um arranjo de aspectos naturais e humanos, organizados de tal maneira que proporcionem a apropriação e caracterizem um ambiente fisicamente (TUAN, 1980; SANTOS, 2005). A paisagem é também a soma diferentes tempos e o resultado da intervenção das pessoas no ambiente ao longo dos anos pode contribuir na variabilidade visual.

Para Cullen (1993), a paisagem é um conjunto de elementos, em várias escalas, e as relações que são definidas entre eles. Uma técnica que possibilita estudar a paisagem é a análise sequencial (KOHLSDORF, 1996), também conhecida como visão serial (CULLEN, 1993). Neste estudo foram utilizados conceitos destes dois autores para a construção e aplicação do método, visto que KOHLSDORF (1996) explana sobre a análise sequencial com foco maior na aplicação da técnica e Cullen (1993) evidencia as possíveis sensações provocadas pela paisagem.

A técnica consiste na análise de uma sequência de cenas, definidas pela posição do observador. É uma percepção proveniente do deslocamento do corpo do observador no espaço, no caso a pesquisadora, sendo o modo de analisar a imagem da cidade como uma sucessão de quadros. A análise sequencial é marcada pelas estações – estímulos do ambiente onde se faz o registro do efeito identificado –, pelos intervalos – distância de tempo e espaço entre duas estações, ou seja, dois estímulos – e os próprios efeitos. Já o campo visual é a porção da paisagem que a visão do observador abrange (CULLEN, 1993; KOHLSDORF, 1996; DEL RIO, OLIVEIRA, 1999). Neste estudo, considera-se que podemos captar um ou mais campos visuais na mesma estação, de acordo com a posição da pessoa.

As observações são parte integrante da análise sequencial, sendo que complementam outras técnicas e podem ser o passo inicial para o reconhecimento e compreensão da paisagem e das maneiras de apropriação. As observações permitem o reconhecimento sensível de uma área, um olhar para o que poderia passar despercebido e que é registrado através da fotografia (VOORDT & WEGEN, 2013).

Caminhar, observar e registrar: abordagem metodológica

A investigação desenvolve-se a partir de estudo de caso, em três locais selecionados. Foram considerados o porte da cidade, característica marcante de aspectos naturais e rurais na paisagem, conforme era indicado na literatura como uma característica das cidades pequenas, e presença de atrativos para lazer e turismo.

Para o estudo foram selecionadas as cidade de Nova Palma, São João do Polêsine e Silveira Martins. Todas localizadas na região central do estado do Rio Grande do Sul, pertencentes à area conhecida como Quarta Colônia de Imigração Italiana, e próximas à cidade de Santa Maria, principal polo educacional e de serviços da região, com cerca de 300 mil habitantes – Figura 1.



São João do Polêsine e Silveira Martins possuem cerca de 2 mil habitantes, enquanto que Nova Palma possui aproximadamente 6 mil habitantes. As três cidades apresentam malha urbana regular, mas se diferenciam principalmente pelos aspectos naturais da paisagem.

Uma característica comum às três cidades é a presença de fluxo turístico significativo, impulsionado pela marca da Quarta Colônia de Imigração Italiana. Silveira Martins atrai visitantes durante todo o ano, pelas opções gastronômicas com cantinas e restaurantes e também pelos atrativos rurais, como balneários e espaços de lazer para realização de eventos ao ar livre.

Em Nova Palma, o fluxo turístico é sazonal, já que a principal atração é o Balneário Municipal, localizado no perímetro urbano da cidade. Já em São João do Polêsine, os visitantes são vistos na praça, já que a cidade se caracteriza como um lugar de passagem para as cidades seguintes – Faxinal do Soturno, Nova Palma e Dona Francisca. Nas três cidades, as festas religiosas e as festividades de comemoração de aniversário de emancipação de cada uma também atraem significativamente as pessoas das cidades próximas. Assim, o ambiente das cidades estudadas se configura como uma alternativa de lazer não só para os moradores, mas também para os visitantes das cidades do entorno e principalmente de Santa Maria.

A intenção de utilizar a caminhada na análise sequencial foi prioritariamente a necessidade de identificar sensações visuais e percepções subjetivas do ambiente relacionadas com as características físicas das cidades. Cullen (1993) e Kohlsdorf (1996) elencam uma série dessas sensações, ou efeitos, e dentre elas elencamos aquelas que mais se adequam a esse estudo:

A sensação de *além*, muito presente em ambientes urbanos rodeados pelo campo, configura-se como a qualidade de algo que está presente, visível, no entanto, não é palpável, não se consegue chegar, alcançar, vivenciar além do olhar passivo. A *focalização* que emerge de um determinado ponto da cidade, seja ele um elemento

construído, iluminado, que atrai o olhar. Os autores também discorrem sobre as sensações relacionadas com os desníveis – *estar acima, estar abaixo, sentir-se superior, dominante* em relação a paisagem ou então *inferior e encerrado*. O efeito da *silhueta*, cuja linha composta por prédios ou morros delimita e desenha a porção visual. Outros efeitos que a literatura apresenta e que podem ser registrados através do caminhar da análise sequencial são a *surpresa, finitude, composição de planos, estreitamentos, conexões*. As *saliências e reentrâncias*, sentidas principalmente nos passeios públicos, podem ser motivadas pelas diferenças de recuos viários, por exemplo. Já o *mistério* é aquilo que vem do desconhecido, do que não é visível mas que supõem-se que existe, mas não se sabe o que é. Por outro lado, a *continuidade* é a sensação de que o caminho tem prosseguimento, pelos elementos que a paisagem apresenta sucessivamente.

Assim, a caminhada foi o trajeto, composta de intervalos que eram a distância entre duas estações. As estações foram determinadas pelos pontos importantes em cada cidade, sendo o campo visual tudo aquilo que a visão abrange em cada estação, ilustrado a partir de uma ou umas imagens, que registraram os efeitos ou sensações.

Caracterização dos trajetos nas cidades: um percurso para cada situação

O caminho a ser percorrido em cada cidade foi traçado a partir da definição de elementos possivelmente marcantes e que concentravam pessoas – como a praça central da cidade, prédios administrativos, rodoviária, cooperativas, cursos de água, vias principais, entre outros, em cada cidade. Aguiar (2016) utiliza a caminhada como um procedimento de ensino e pesquisa e indica que para cada situação deve-se pensar em um percurso. A partir daí, a presença e localização desses elementos junto às particularidades de cada ambiente urbano, determinou 40 campos visuais tomados no percurso de cada cidade.

Em comum nas três cidades foi a atração da praça e da igreja como ponto inicial do trajeto, tanto por serem elementos marcantes na paisagem quanto por serem pontos atrativos de visitantes por meio das festas religiosas. Podemos observar que a praça é o centro da cidade – não centro geográfico, mas centro no que se refere a centralidade, a lugar onde as coisas acontecem. O fato de impulsionarem a apropriação espacial também fortalece esses recintos como os lugares de onde deveria partir o percurso.

Cada comunidade necessita de um local para *ver e ser visto*. Para Alexander (2013), ali as pessoas compartilham e se reúnem para o convívio e para a confirmação de comunidade. Nas cidades pequenas em estudo, esse local para *ver e ser visto* é a praça da cidade, próxima à igreja e aos centros administrativos, como a prefeitura e a câmara municipal. Diante disso, esses elementos foram comuns nas cidades, e a partir da observação foram definidas as particularidades de cada percurso.

Em comum também, e como uma peculiaridade da cidade pequena, a ausência de passeios públicos em vários pontos, inclusive no centro das cidades, direciona o caminhante para o leito viário – apesar de inadequado, o pouco fluxo de veículos não faz com que esse conflito seja determinante ou influencie negativamente no desenvolver da técnica. Pelo contrário, ousaríamos dizer que existe até uma

sensação de liberdade em poder transitar a pé pelo leito viário, por longo percurso, praticamente sem encontrar automóveis em movimento, em dimensões generosas, como se aquela dimensão tivesse sido feita para o pedestre.

Em São João do Polêsine, o caminho partiu da frente da Igreja Matriz – primeira estação. A praça junto à igreja é um recinto urbano bem cuidado, convidativo e explorado pelos moradores para lazer. A estação seguinte foi a rodoviária, que apesar de ser um equipamento urbano importante, não concentra um grande número de pessoas no entorno.

A próxima estação foi a edificação em ruínas de um antigo moinho, que se configura como um marco visual na paisagem visto que é uma das últimas edificações da Avenida principal da cidade, antes da vista perder-se pelo campo próximo que segue até o além.

A rodovia que corta a cidade não se mostra um lugar amigável para a caminhada, sendo que foi contemplada no percurso pela divisão que faz no ambiente urbano. Além disso, contém elementos que servem de pontos atrativos de pessoas e marcos na paisagem, como o posto de combustível localizado em uma esquina que dá acesso a uma importante comunidade do interior e também ao Monumento de Nossa Senhora de Salete. Retornando a avenida principal, as estações seguintes foram as edificações de média altura que concentram comércio e serviços, área de lazer, Prefeitura, Câmara de Vereadores e hotel da cidade. Na definição do trajeto, pode-se observar que o canteiro central em frente ao antigo hotel da cidade funciona como uma extensão da praça, e os bares e mercadinhos também são lugares que atraem pessoas e geram movimentações pontuais na paisagem (Figura 2).

Na cidade de Nova Palma, o caminho foi delimitado principalmente pelas vias de maior gabarito e hierarquia visivelmente superior às demais (Figura 3). O próprio

Figura 2: Mapa trajeto São João do Polêsine e indicação dos pontos que auxiliaram a definir o percurso da análise sequencial. Fonte: da autora, 2019.



deslocar da pesquisadora pelas vias foi surgindo naturalmente como se fosse óbvio devido às amplas dimensões tanto de passeios quanto de leito viários. Assim como em São João do Polêsine, o conjunto Praça – Igreja foi o ponto de partida pela força com que esses elementos se apresentam no meio urbano.

A análise começou pela quadra da Praça Central e Igreja Matriz, seguindo a via até o encontro com a avenida da Prefeitura Municipal e Câmara de Vereadores. Essa via possui gabarito muito superior às demais ruas, com canteiro central e passeios públicos generosos, convidativos ao caminhar, que até contrastam com a via anterior, com vários lotes sem passeios públicos.

O trajeto passa por dois pontos pelo curso de água que corta a cidade. Apesar de serem locais sem muita movimentação de pessoas ou densidade de edificações e usos, foram lugares que atraíram a caminhada, principalmente pela paisagem e pela composição das cenas. Em seguida, buscamos retornar à praça central próximo a rodoviária, comércio, correios e sindicato rural – lugar que presta uma série de serviços que atraem a população, como, por exemplo, a farmácia popular. O percurso finaliza na avenida de acesso à cidade, junto à cooperativa de beneficiamento de grãos, que possui grandes edificações como o supermercado, os silos e o moinho.



Figura 3: Mapa trajeto Nova Palma e indicação dos principais pontos que auxiliaram a definir o percurso da análise sequencial. Fonte: Da autora, 2019.

Na cidade de Silveira Martins, o percurso da análise sequencial teve início na via que concentra edificações importantes do município, como prédios históricos, Igreja Matriz, Hotéis, Casa Paroquial, Rodoviária, Correios, entre outros (Figura 4). Diferentemente das demais cidades, a primeira estação não foi exatamente o conjunto Praça-Igreja, mas foi de onde se enxergava o conjunto em questão. Como particularidade, Silveira Martins tem a torre cilíndrica da igreja que pode ser vista de diferentes pontos do ambiente urbano, e isso também influenciou as definições de trajeto e, em um segundo momento, os campos visuais.

Figura 4: Mapa trajeto Silveira Martins, com a indicação dos principais pontos que auxiliaram a definir o percurso da análise sequencial. Fonte: da autora, 2019.



Silveira Martins, tanto pelo percurso quanto pelas visuais, passa a sensação de estar no alto de um morro. Já Nova Palma é cercada pelos morros. São João do Polêsine apesar de ter morros ao norte, o relevo na área urbana é completamente plano, diferindo do relevo levemente acidentado das demais cidades.

Campos visuais na cidade pequena: variabilidade ou monotonia?

São João do Polêsine é uma cidade com relevo mais plano que as demais. A paisagem é marcada pelas edificações de pouca altura, uma característica das cidades pequenas apresentada pela literatura e identificada nas três cidades estudadas. Apesar disso, existem morros nas bordas das cidades que tornam as visuais diferentes em determinadas vias. Entretanto, o fluxo de visitantes é menor e pontuado pelas festas que ocorrem no município. Não há uma caracterização da atividade turística, como a influência da gastronomia ou do balneário.

A análise sequencial na cidade evidenciou a ausência de arborização urbana nas vias, tanto pela falta de sombra quanto pelo desconforto térmico sentido pela pesquisadora, visivelmente maior que nas demais cidades. Em São João do Polêsine, poucas edificações se destacam na paisagem por possuírem algum valor histórico agregado. Na Figura 5, apresenta-se a indicação das 40 estações onde foram tomados os campos visuais, e uma seleção de 13 deles, marcados principalmente por edificações e elementos da paisagem natural.

A área urbana de São João do Polêsine é predominantemente plana, o que torna o caminhar menos cansativo. A ausência de arborização urbana e de locais para descanso nas vias contrasta com a praça, bem arborizada e com refúgios para o caminhante, como se fosse um oásis no percurso árido.



Figura 5: Síntese análise sequencial São João do Polêsine. Indicação dos 40 campos visuais, com ilustrações de alguns deles. Fonte: da autora, 2018.

Nos finais de semana nota-se que as pessoas utilizam os espaços públicos da cidade para lazer, mas a intensidade desse uso é pequena (Figura 6a). Na rodovia que corta a cidade não há passeio público e o caminhar é hostil. A velocidade do pedestre no acostamento é incompatível com a velocidade com que os carros passam na faixa, em direção as cidades seguintes – Faxinal do Soturno, Dona Francisca e Nova Palma. Ainda assim, o caminhar neste trecho diferencia-se das demais vias da cidade, pela maior proximidade com o campo, ainda que seja a área central do município (Figura 6b).

As principais sensações e efeitos identificados na cidade foram a sensação de *aqui e além*, expressa pela presença dos morros tão intensa nas visuais, mas que geograficamente parecem estar inalcançáveis. Por outro lado, esses morros também conformam uma *silhueta*, que delimita a paisagem como se estivesse delimitando a superfície da cidade – para além da silhueta desenhada não sabemos o que tem e talvez não faça parte dessa experiência (Figura 6c).

A composição de planos foi evidenciada em mais de uma estação, e é ilustrada a seguir, no campo visual obtido na primeira estação – na Praça. Na figura 7, observamos no primeiro plano o ambiente de estar do refúgio que a praça oferece para o caminhante. Em segundo plano, temos a edificação da Casa Paroquial e Radio Comunitária e, em

Figura 6: (a) Apropriação do passeio público; (b) Variabilidade visual e hostilidade do caminhar na rodovia; (c) Arborização da praça e silhueta dos morros. Fonte: da autora, 2018.



terceiro plano, no *além*, os morros. Essa composição de planos é mais evidenciada em São João do Polêsine que nas outras cidades em virtude do relevo plano da área urbana, que ao mesmo tempo não promove as sensações de superioridade, de dominância, ou de inferioridade em relação à paisagem, provocadas pelo *estar acima* ou *estar abaixo*.

Figura 7: Exemplo da composição de planos em São João do Polêsine, motivada pelo relevo. Fonte: da autora, 2017.



Não se notam estreitamentos, conexões, saliências ou reentrâncias no percurso. A cidade parece espalhada, com a malha urbana regular largada na planície de maneira que coubesse, com folga, entre os morros.

Em Nova Palma, o relevo da área urbana é levemente acidentado, o que exige um pouco mais do caminhar em relação a São João do Polêsine, mas não chega a ser um fator determinante que prejudique o percurso. A arborização urbana é mais presente, o clima mais arejado e o vento, também nos dias quentes, favorece os deslocamentos a pé.

A variabilidade visual nesta cidade é marcada principalmente pelos elementos naturais. Os morros e dobramentos marcam a paisagem, compõem quadros e orientam o deslocamento. A proximidade e a presença dos morros em praticamente todo o perímetro da cidade, dá a sensação de que eles delimitam a área urbana. Essa característica se parece com São João do Polêsine, no entanto lá a sensação é outra. Ao passo que em São João do Polêsine os morros estão visualmente longe, em Nova Palma os morros parecem espremer a área urbana. A malha urbana regular parece forçada a caber entre os dobramentos, muito diferente do espriamento sentido nessa relação na cidade anterior. Na Figura 8, a partir da indicação dos 40 campos visuais, exemplifica-se 12 ilustrações a partir deles. Nota-se que os morros prestam-se ao papel de finalizar as vias e circundar a cidade, exprimindo a sensação de finitude da área urbana.

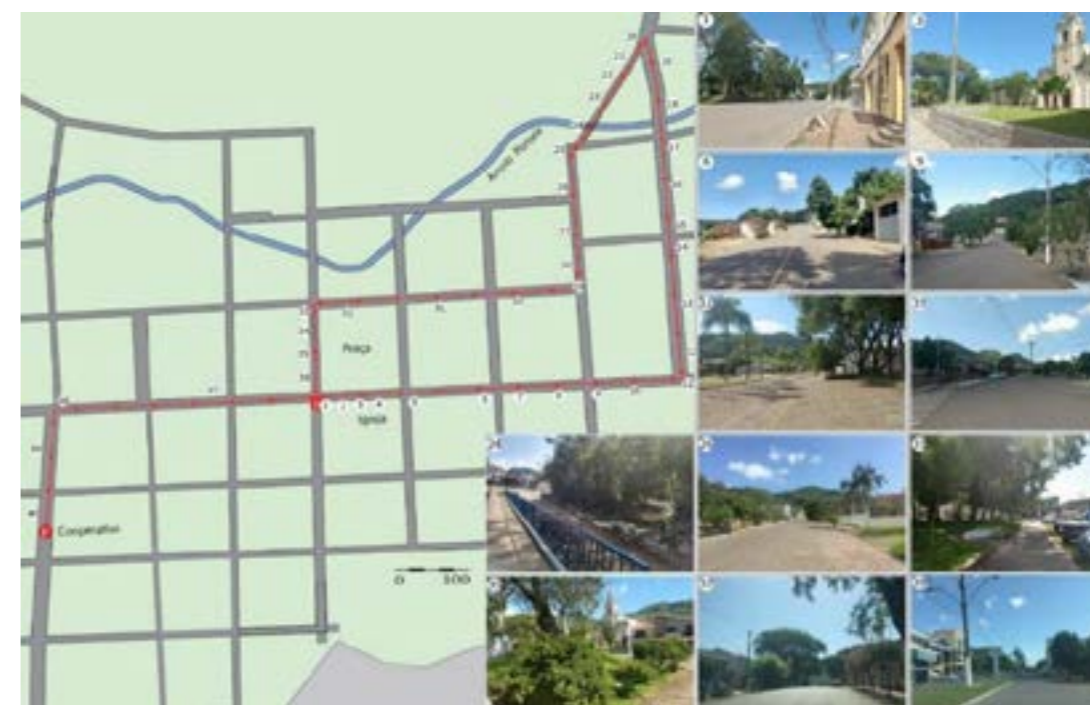


Figura 8: Síntese da análise sequencial em Nova Palma. Indicação no mapa dos 40 campos visuais tomados e ilustração de 12 deles. Elaborado pela autora. Fonte: da autora, 2018.

A intensa arborização na área urbana, não só na Praça como ocorre em São João do Polêsine, mas também nas vias, é um convite para explorar a cidade a pé. Nos campos visuais, nota-se a sombra que a arborização promove nos passeios. O caminhar é agradável e revelador. Ainda que não se tenha a sensação de mistério, que é mais forte e talvez mais intrigante, há a sensação de surpresa de elementos na paisagem que não são visíveis de todos os pontos. Isso incentiva o caminhante a desbravar a cidade. Como exemplo, tem-se a arborização urbana que oculta prédios de destaque, como a Igreja, e o relevo que conduz até a área do balneário (Figura 9). A descida da rua que leva ao balneário também impulsiona esse caminhar, e quando começamos esse percurso não enxergamos o rio tanto pela curva da via quanto pela arborização. De maneira surpreendente, o rio se revela muito próximo.

Figura 9: (a) Igreja Matriz da cidade, vista a partir da área mais baixa da praça; (b) Balneário Municipal. Fonte: da autora, 2018.



O cemitério, localizado próximo da entrada da cidade e visto a partir da estação final atrai o olhar. A *silhueta* dos túmulos que se sobrepõem a silhueta dos morros ao fundo compõe um quadro que se diferencia dos demais da cidade – aí os morros parecem distantes (Figura 10a), enquanto que nas demais áreas da cidade, as vias expressam continuidade, ao mesmo tempo que o morro está além, na visual, está aqui pelos caminhos que parecem conduzir-nos até eles. Na Figura 10b, parece possível chegar no alto do morro, sensação que não acontece na imagem anterior, nem em São João do Polêsine. Na Figura 10c, notam-se os alargamentos e estreitamentos que ocorrem no passeio público, a influência da arborização, a hierarquia da avenida, imponente na paisagem pelo gabarito e vegetação de destaque no canteiro central, e a silhueta dos morros, ao fundo.



Figura 10: Influência dos elementos da paisagem natural nos campos visuais. Fonte: da autora, 2019.



A presença do curso de água na área urbana pontua conexões entre as margens. Em alguns lugares, essa conexão é total e consolidada, através de pontes que permitem passagem de automóveis e de caminhantes. Em outros pontos, a conexão é parcial, há um pontilhão que permite apenas a passagem de pessoas independentemente do nível do rio, no entanto, automóveis ficam limitados a passar quando o rio está com o nível normal. Esse segundo lugar oferece a sensação de refúgio, com uma edificação histórica, as pedras e a arborização compõem uma cena que parece não pertencer ao ambiente urbano, como se fosse um respiro no centro da cidade.



Figura 11: (a) Passagem em dois níveis: para pedestre por pontilhão, e para automóveis em nível mais baixo, sobre aterro com tubos; (b) Ambiente sobre aterro com tubos; (b) Ambiente que se diferencia da área urbana. Fonte: da autora, 2018.

Em Silveira Martins, são as edificações que contribuem para variabilidade visual na paisagem. O relevo levemente acidentado favorece as sensações de surpresa e finitude que acontece em alguns campos visuais. É a impressão de se estar no alto, no morro, ao contrário das outras duas cidades, circundadas pelos morros, cada uma com a sua particularidade de relação com esses elementos. Na Figura 12, apresenta-se a indicação dos 40 campos visuais, com destaque para 12 ilustrações deles. Esses campos selecionados evidenciam as sensações mencionadas e destacam as edificações que marcam a área urbana.

As edificações da cidade possuem uma presença muito maior que em Nova Palma e que em São João do Polêsine. Em Nova Palma, é a arborização urbana que neutraliza o construído. Em São João Polêsine as edificações possuem uma escala menor que em Silveira Martins, sendo que o impacto delas na paisagem é amenizado pelas vias largas e recuos. Em Silveira Martins, os casarões assobradados, as



Figura 12: Síntese análise sequencial Silveira Martins. Indicação dos 40 campos visuais tomados e ilustração de 12 deles. Fonte: da autora, 2018.

Figura 13: Exemplos de edificações de valor histórico, construídas no alinhamento e que compõem os planos e as silhuetas da paisagem. Fonte: da autora, 2017.



Em diversos pontos da cidade, o relevo faz com que se tenha a sensação de finitude e até de mistério, por não ser visível o que virá no caminho (Figura 14). Um elemento marcante na paisagem é a torre cilíndrica da Igreja Matriz, possível de ser vista de vários locais da área urbana. A torre tem o efeito de focalização, é o marco visual: no lugar que se estiver, o olhar sempre é direcionado para ela.

A praça central da cidade acontece em quatro níveis distintos (Figura 15). Da parte mais baixa, não se enxergam os casarões que circundam a parte alta. Da parte alta, a vista se perde nos campos. Ali é o lugar que podemos vivenciar todas as sensações

Figura 14: (a) Exemplos de campos visuais onde o relevo contribui para a sensação de finitude, surpresa ou mistério do caminho que não se revela; (b) Torre da Igreja vista a partir da Câmara de Vereadores. Fonte: da autora, 2017.



relacionadas com o relevo, em uma escala menor: o estar acima, o estar abaixo, o sentir-se dominante na paisagem e o sentir-se encerrado. Os grandes taludes reforçam esse sentimento. Os platôs acabam se configurando como recintos para estar: as pessoas se apropriam deles com seus grupos, escolhendo em qual lugar querem se posicionar, o que define também o que querem ver e como vivenciar o ambiente.



Figura 15: Praça central. (a) parte baixa; (b) parte alta; (c) platô central. Fonte: da autora, 2018.

Considerações finais

O caminhar, como método, permitiu revelar a cidade de um modo sensível, que não seria possível por técnicas passivas de apreensão da cidade. Nos colocamos na paisagem, como agentes transformadores e participativos.

As cidades foram desvendadas, experienciadas através do relevo, das dificuldades de acessibilidade, dos obstáculos, das paisagens que se revelam e compõem quadros marcantes. Essa vivência latente, e que não aconteceu em apenas um dia, faz com que a pesquisadora se sinta parte da cidade e não alheia aos seus objetos de estudo. Desde o princípio, não estávamos propostos a utilizar as cidades como uma fonte de dados, mas sim tratá-la como um organismo vivo, possível de se revelar através da vivência.

A experiência da análise sequencial, como método que exige andar a pé pela cidade, permitiu a descrição dos ambientes urbanos e a compreensão da realidade analisada. As qualidades visuais não óbvias das cidades pequenas se mostram e, a partir daí, há o despertar para um empenho de mantê-las na paisagem.

A variabilidade visual identificada nas três cidades estudadas configura-se como algo que enriquece o morar e o visitar naqueles ambientes urbanos. São três cidades distintas que apresentam essa característica, mas que não são comuns entre si: cada paisagem com uma variabilidade visual marcada pelo relevo, pela relação da malha urbana com o relevo ou pelas edificações. São os mesmos elementos que se arranjam e se rearranjam compondo lugares únicos.

É importante destacar que a pesquisadora, enquanto arquiteta e urbanista que se utilizou de um método, identificou essa variabilidade, mas também percebeu que as pessoas se apropriam dessas possibilidades que a paisagem oferece de contemplação – dos efeitos – a partir do momento que usam a cidade como alternativa de lazer, passeio, observação e vivência.

Vale ressaltar que essa maneira de reconhecer a cidade foi um meio encontrado pela pesquisadora de experienciar a cidade de maneira sensível, muito mais potente que caracterizar apenas por levantamentos físicos. Conhecer a cidade e reconhecer seus efeitos e sensações para depois pesquisar, conversar e absorver as percepções dos moradores e visitantes, de modo que o que foi observado auxilie em um planejamento urbano que promova a manutenção da identidade da cidade pequena, fortalecendo seus potenciais de lazer e turismo.

Agradecimentos

Este trabalho deriva de uma pesquisa de dissertação de mestrado, defendida no Programa de Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Pelotas, com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.

Referências bibliográficas

AGUIAR, Douglas. O papel da caminhada na arquitetura e no urbanismo. *Revista Políticas Públicas & Cidades*, v.4, n.2, p.52–69, ago./dez. 2016. <https://doi.org/10.23900/2359-1552.2016v4n2>. Acesso em: nov. 2019.

ALEXANDER, Christopher; et al. *Uma linguagem de Padrões: A Pattern Language*. Porto Alegre: Bookman, 2013.

CARERI, Francesco. *Walkscapes: O caminhar como prática estética*. São Paulo: Gustavo Gili Brasil, 2013.

CASTELLO, Leoneo. *A percepção de lugar: repensando o conceito de lugar em arquitetura e urbanismo*. Porto Alegre: PROPUR – UFRGS, 2007.

CULLEN, Gordon. *Paisagem Urbana*. Lisboa: Edições 70, 1993.

DELIGNY, Fernand. *O aracniano e outros textos*. São Paulo: n-1 edições, 2015.

DEL RIO, Vicente; OLIVEIRA, Livia de. *Percepção Ambiental: A experiência brasileira*. São Paulo: Studio Nobel, 1999.

ENDLICH, Angela Maria. *Pensando os papéis e significados das pequenas cidades do noroeste do Paraná*. 2006. 505 f. Tese (Doutorado em Geografia) - Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Tecnologia, 2006. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/11449/105037>>. Acesso em 18 nov. 2018.

FARIA, Ana Paula de Neto. *Análise configuracional da forma urbana e sua estrutura cognitiva*. 2010. 321 f. Tese (Doutorado em Planejamento Urbano) – PROPUR, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2010.

HERZOG, Thomas.; LEVERICH, Olívia. Searching for legibility. *Environment and*

Behavior, v. 35, n. 4, p. 459-477, 2003.

IBGE - INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. *IBGE traça o perfil administrativo de todos os municípios brasileiros*. Disponível em: <<http://www1.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias>>. Acesso em: 18 out. 2016.

KARSSENBERG, Hans.; LAVEN, Jaroen. A cidade o nível dos olhos: estratégia do plinth. In: KARSSENBERG, Hans. [et al]. *A cidade ao nível dos olhos: lições para os plinths*. Porto Alegre: EDIPUCRS, p. 14-25, 2015.

KOHLSDORF, Maria Elaine. *A apreensão da forma da cidade*. Brasília: Editora UnB, 1996.

LANG, Jon. *Creating architectural theory: The role of the Behavioral Sciences in Environmental Design*. New York: Van Nostrand Reinhold Company, 1987.

FRESCA, Tania Maria; VEIGA, Léia Aparecida A. Pequenas cidades e especializações funcionais: o caso de Santa Fé-PR. *Revista Sociedade & Natureza*, v. 23, n. 3, 2011. Disponível em: <<http://www.seer.ufu.br/index.php/sociedadnatureza>>. Acesso em 17 nov. 2018

LYNCH, Kevin. *A imagem da cidade*. Lisboa: Edições 70, 1988.

LOPES, Diva Maria Ferlin. *Cidades pequenas são urbanas? O urbano possível*. Bahia análise e dados, p. 395-492, 2009.

MAIA, Doralice Sátyro. Cidades pequenas: como defini-las? Apontamentos para o estudo sobre cidades pequenas. In: Simpósio Nacional de Geografia Urbana, 9, 2005, Manaus. *Anais*. Manaus, 18-21 out. 2005.

NASAR, J. L. (Ed.). *Environmental aesthetics: Theory, research, and application*. Cambridge University Press, 1988.

PAESE, Celma. *Caminhando: O caminhar como prática sócio-estética: estudos sobre a arquitetura móvel*. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2015.

SANTOS, Milton. *Espaço e sociedade: ensaios*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1979.

SANTOS, Milton. *Da totalidade ao lugar*. São Paulo: EdUSP, 2005.

STAMPS III, Arthur. E. Are environmental aesthetics worth studying?. *Journal of architectural and planning research*, p. 344-355, 1989.

TUAN, Yi-fu. *Topofilia: Um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente*. São Paulo: Difel, 1980.

VOORDT, Theo J. M. van der; WEGEN, Herman. B. R. van. *Arquitetura sob o olhar do usuário: programa de necessidades, projeto e avaliação de edificações*. São Paulo: Oficina de Textos, 2013.